

A DIFÍCIL BATALHA NO NORDESTE

(Breves comentários sobre a introdução dos animais domésticos no semi-árido)

Inamar Gusmão Botêlho

Veterinário e pesquisador do CEEC/UNEB

...Mostraram-lhe um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados...

(A Carta de Pero Vaz de Caminha)

Os animais domésticos existentes no Brasil, hoje, antes não faziam parte de nossa paisagem, pois não existiam. Nossa vegetação original, que era predominantemente matarral, (árvores e arbustos) não permitiu o surgimento dos grandes animais, principalmente dos grandes

herbvoros, vorazes consumidores de gramíneas como aconteceu no continente africano e outras regiões de cobertura naturalmente gramínea, caracterizado por estepes e savanas, ricas em gramíneas e ervas rasteiras, propiciando o surgimento. Daí tornou-se o berço dos referidos animais.

Com a necessidade de povoamento e fixação para a exploração da nova terra pelos portugueses, os animais domésticos foram de fundamental importância no acompanhamento dos pioneiros europeus.

Inicialmente, os criatórios surgiram em terras costeiras nas cercanias de Salvador e somente decorridos aproximadamente duzentos anos, por volta do final do século XVII, foi documentado a existência de vários currais nos sertões da Bahia pelas margens direita do São Francisco até a conquista de Sergipe. Partindo de Pernambuco para a outra margem do São Francisco, ocorreu um movimento idêntico, porém de menor abrangência, estendendo ao Piauí, ultrapassando o Parnaíba até o Ceará. Do São Francisco, ramificou-se para Minas Gerais, alcançando outros estados, por influência da "Casa da Torre", fundada por Garcia D'Ávila e seguida por sucessivas gerações. Ao passo e compasso do afastamento do gado, novos caminhos foram abertos e trilhados pelo Brasil afora.

Esses animais vieram da Europa para um clima tão adverso às suas características e hostil como foi e ainda o é, o nosso conhecido semi-árido. É fácil imaginar e compreender como foi cruento e deveras difícil o confronto ecológico travado entre os europeus e a caatinga. Dos esforços despendidos em viverem nos limites máximos da resistência física e biológica, só os mais resistentes tiveram chance de alcançar a adaptação necessária à sobrevivência no estranho e ingrato habitat.

O EUROPEU VERSUS CAATINGA

Os nossos animais originalmente eram europeus, mais particularmente o gado vacum, (*Bos taurus*), os equídeos, (*Equus sp.*) as cabras, (*capra sp.*) selecionados e adaptados há séculos para a convi-

vência harmoniosa em climas temperados. Não traziam nenhuma resistência aos ataques dos ectoparasitos, despossuídos que são dos tremores superficiais da pele e da secreção cerosa que repele e atrapa-lha o pouso e a fixação dos insetos e parasitos. Possuem pernas mais curtas, dificultando as longas caminhadas na capacidade de achar o que pastar e de viver em pastos grosseiros, escassos e rarefeitos, em épocas secas do sertão. A pele e o pelame são impróprios ao confronto direto com a diversidade dos espinhos penetrantes dos carrascais e a intensa radiação solar. Tem baixa densidade de glândulas sudoríparas por centímetro quadrado de pele, arma principal na dissipação do calor corpóreo, metabólico ou da insolação. A mucosa gastrointestinal é sensível à fibra mais rude, acostumada com as ingestas mais tenras e forragens mais finas e outras tantas desvantagens fisiológicas, que podemos classificá-los, à primeira vista, como inaptos a conviverem em nosso meio.

Falar especificamente dos caprinos e ovinos, aprofundando em suas origens mais remotas é tarefa difícil, devido à falta absoluta de dados. O certo é que também acompanharam os povoadores portugueses e foram trazidos pelos demais conquistadores que também aportaram e permaneceram por aqui durante algum tempo, sendo expulsos posteriormente. Também, se incluem os cavalos, jumentos, as aves e os outros animais o convívio doméstico.

A PAISAGEM DO SEMI-ÁRIDO

O bioma semi-árido em estado natural, ecossistema abordado em muitas publicações literárias e científicas, caracterizado por vegetação xerófila e agressiva, considerada a maior fonte de proteína vegetal existente no planeta (Smith et al). Possui grande variedade e quantidade de leguminosas arbustivas e rasteiras. A vegetação é de porte raiquítico e enfezado, escassas fontes de água superficial. A baixíssima umidade do ar quebra naturalmente os ciclos biológicos. A secura dos ares impede a plena procriação dos insetos e dos parasitos, propiciando

a salubridade do clima que tanto contribuiu para a fixação dos criatórios ultra-extensivos e a permanência do homem em região semi-desértica. Embora seja nítido o limite que o ecossistema apresenta na produção de alimentos para ambos, o clima do sertão foi um fator primordial para o desenvolvimento da pecuária e permitiu ao homem, enfrentar o imenso desafio do pioneirismo e a fixação de moradia nessa inóspita região. Os pioneiros fugiam das enfermidades endêmicas e dos carrapatos que fustigavam a si e dizimava impiedosamente os seus rebanhos, contagiando-os com a desconhecida babesiose, tristeza parasitária bovina, parasitose fatal, nos animais estrangeiros, não imunes à doença, transmitida por um animalzinho de aparência tão inofensiva, que grassava nas regiões mais úmidas.

Só recentemente, algumas regiões, aparentemente mais favoráveis, vieram a ser densamente povoadas, mesmo assim em muitas delas, através de maciços subsídios governamentais. Elaboraram-se projetos tecnicamente equivocados que, em sua maioria, criaram grande impacto ambiental. Mesmo com os meios disponíveis em nossos dias, descobre-se que são áreas impróprias ecologicamente à expansão da fronteira pastoril, no exemplo do ocorrido com muitas regiões da Amazônia.

A expressiva variedade de plantas da caatinga nordestina tais como a jurema, (*Pithecolobium diversifolium*, Benth) o mororó (*Bauhinia forficata*, Link) a quixabeira, (*Boumeli sertorum*, Mart) a faveleira, (*Cnidocolus phyllacanthus*) o juazeiro, (*Zyziphus juazeiro*, Mart) o sabiá, (*Mimosa caesalpinifolia*, Benth.) a gitirana, (*Centrosema pubescens*) como exemplos de algumas plantas, predominantemente arbustivas, vivem plena adaptação à aridez dos terrenos de pedregulhos, esturricados. Mesmo em severas condições, continuam em ciclo natural, verdejantes, a oferecerem os recursos para os animais e, muitas vezes, até para o homem em épocas de grande penúria, evitando o prolongamento das citações e dentre tantas outras espécies, que servem como forrageira, temos as palmeiras xerófilas, como o licurizeiro, (*Cocos coronata*, Mart) e o ariri, (*cocos vagens*, Bondar). O cientista Gregório Bondar, estudioso e pesquisador das riquezas naturais da Bahia, afirma em "Palmeiras Nativas do Gênero *Cocos* na Alimentação dos Animais Domésticos", haver cinco bilhões dessa palmeira somente na Bahia.

Ainda nesta publicação conforme Bondar, o rebanho suíno da Bahia, nos meados deste século, alimentava-se muito de coquilhos das palmeiras licurizeiro e ariiri.

Entre outras tantas, os umbuzeiros, sozinhos, simbolizam e tratam fielmente as nossas caatingas, sendo a planta mais generosa no socorro dos viventes. Além de sua beleza ímpar, de sua copa majestosa e arredondada, no imaginário da população sertaneja, ele é considerado uma árvore quase sagrada.

Na vegetação caduciforme, a fora as cactáceas, mandacaru, (*Cereus jamacaru*, P.DC.) o xiquexique, (*Pilocereus*, Goumelli K. Schum) o facheiro, (*Cereus aquamoso*, Guerke) e coroa ou cabeça-de-frade, as folhas caem logo no início das estiagens, os galhos começam a despir-se, começando o processo da dormência, defesa extraordinária para que a perda de água por suas folhas seja a mínima possível e ainda guarda a água que precisa para ressurgir da paisagem acinzentada, de aparência quase morta. As poucas fontes d'água de superfície dista uma das outras léguas e léguas. Os poucos rios existentes, quase todos são provisórios, desaparecem logo quando cessam as chuvas. As estações são distintas: as "águas" e a "seca". As chuvas, quando caem, geralmente deságuam grandes volumes num pequeno espaço temporal, intermediadas por um período sempre esperado de estiagem. De quando em quando, esta estiagem prolonga-se muito, trazendo conseqüências sociais gravíssimas e de há muito conhecidas e propaladas. Em poucas regiões do semi-árido ocorre o "inverno", chuvas finas e esparsas entre os meses de maio e julho. A baixa precipitação milenar propiciou o afloramento dos minerais no solo, tornando-o paradoxalmente fértil.

Embora o clima seco seja desfavorável aos insetos, nas margens das aguadas, dos capões de mato, em época de chuvas, a população de moscas, pernilongos, mutucas, bernês e dos carrapatos, aumenta vertiginosamente. Aliados a fatores ecológicos diversos, o carrapato é tido como principal empecilho à aclimação. Segundo Otto Stefan, (1929) 97% das perdas nas primeiras importações de gado europeu para o Brasil, podem ser atribuídas a este pequenino parasita. Nem o homem, nem os reis, como disse o zootecnista Octávio Domingues, es-

capam ao fragelo desta praga, afirma isto com base no que escreveu, trezentos anos após a introdução dos animais em nosso território, Carlos Augusto Taunay, (1839) na publicação considerada o primeiro livro de nossa literatura técnico-agrícola, "Manual do Agricultor Brasileiro"

"El-Rei D. João VI conservou mais de seis anos a perna doente da mordida de um carrapato, ou por manha, ou porque a chaga se tornou crônica. Oxalá este ataque à Sua Majestade fosse o único mal que tão infernal bichinho houvera de fazer ao Brasil. Não se passa ano sem que grande porção de gado sucumba à invasão de um inimigo, na aparência tão desprezível e, a certas épocas, a perda não se limita a algumas cabeças, mas vira em calamidade geral como em 1829, quando todas as fazendas e engenhos das províncias centrais e de beira-mar foram literalmente assoladas, ficando apenas a terça parte de seu gado, e este em péssimo estado."

Podemos afirmar, segundo a proposição da "seleção natural" por Charles R. Darwin (1809) e Alfred R. Wallace, (1823-1913) que estudos ocorridos simultaneamente e de modo independente percebem que a seleção natural é o meio pelo qual os organismos, melhor adaptados ao seu meio, tendem a sobreviver e a transmitir aos seus descendentes as características genéticas. Os indivíduos se diversificaram e mudaram com o tempo.

Sabemos hoje que os indivíduos podem determinar uma mudança repentina nos seus caracteres através da mutação, e é como se o "pool" gênico dos indivíduos "sentisse" o momento exato de mudança.

O povoamento em novas áreas por indivíduos ecologicamente diferentes é uma batalha biológica com um início muito trágico e previsível: a morte de muitos elementos introduzidos e a sobrevivência de alguns, possuidores daqueles caracteres que resistirão às adversidades do meio. Os indivíduos remanescentes, considerados vitoriosos, por estarem vivos, pagarão altos tributos no percurso da adaptação. Não foi diferente com os precursores da nossa pecuária, que passaram por alterações profundas em seus aspectos fisiológicos e zootécnicos, forjando, lentamente, em sucessivas gerações, os novos tipos raciais. Surgi-

ram as nossas “raças” denominadas de “crioula”, disseminada no resto do país e a “pé-dura”, especificamente no semi-árido, junto à outras espécies, formadoras do rebanho brasileiro, que reinaram absolutas até o início deste século.

Estas “raças nativas” são ferramentas forjadas e temperadas na secura extrema do nordeste brasileiro, nestes 400 anos. É um tesouro ecológico que vem se extinguindo a passos largos, sem contudo ter mudado as condições ambientais, socio-econômicas e de outros indicadores, que continuam quase nas mesmas condições de séculos atrás.

Desde as nossas primeiras décadas, o gado vacum, os “crioulos e os “pés-duros” vêm sendo substituídos pelo gado de origem indiana, aclimatado nos trópicos e que hoje predomina e mantém a quase totalidade do lastro do nosso rebanho. Nas regiões mais estruturadas, com a ampliação das fronteiras agropecuária, com a atuação de várias instituições de pesquisas direcionadas, ocorreu a adequação e a disseminação de diversas variedades de gramíneas, adequando-as ao tipo de clima e de solo. A difusão de novas tecnologias, aliada à busca de novos conhecimentos, foi possível nas regiões favorecidas climaticamente à criação a campo e a introdução com sucesso do formoso gado indiano, milenariamente adaptado aos limites e aos empecilhos que o trópico apresenta. Em conformidade com o seu grande porte, para criá-lo com produtividade e com os predicados que lhes são atribuídos, é necessário mantê-lo com farta alimentação na qualidade que sua exigência requer.

Fato idêntico aconteceu no Nordeste. A Bahia e Pernambuco providenciaram importações sistemáticas também de caprinos do hemisfério norte. Desta vez, com interferência governamental, com o objetivo de “melhorar” o tamanho e a qualidade das cabras “pés-duras” que, nos quatro séculos, foram igualmente moldadas pela dureza do meio. No caso das cabras, surgiram quatro “raças” nordestinas: moxotó, repartida, marota e canindé. A interferência foi desastrosa. Levaram em consideração somente o fenótipo, o exterior dos animais, sem atentar e nem perceber a gama de fatores envolvidos num processo adaptativo e nem nas conseqüências das importações equivocadas.

A intenção “melhorista” simplesmente piorou, dispersando e embaralhando aquele adequado conjunto de genes, onde o DNA dos nossos tipos raciais nativos “aprendeu” a continuar produtivos na adversidade. Os técnicos oficiais iriam repetir a história de 400 anos atrás, destruindo um valioso patrimônio genético, de quase meio milênio de formação e indispensável num ambiente ainda muito difícil. O prejuízo social foi imenso, pois era a cabra nordestina o último animal a perecer, antes do homem, em estiagens prolongadas e cruéis. Agora o sertanejo não tem esta certeza. Suas peles, pela qualidade intrínseca, espessou e adquiriu a elasticidade; os pêlos diminuíram em defesa para enfrentar e adentrar os espinhos dos carrascais. Gozou fama de melhor pele do mundo no comércio extrativista que o Brasil sempre adotou no mercado internacional. Após a interferência técnica-oficial, em manter as estações para a multiplicação e expansão das raças exóticas com o objetivo do “melhoramento” zootécnico das cabras nordestinas, os dois maiores compradores de peles de caprinos e ovinos brasileiros, os EUA e Alemanha, vieram à Bahia e Sergipe reclamar da abrupta queda de qualidade dessa mercadoria e mesmo assim o governo não atentou para tal malefício e continuou com os tais programas. Na Bahia ocorreram alguns fatores involuntários à vontade oficial que contribuíram decisivamente no fechamento da referida estação de Uauá, fundada pelo governo federal, que a princípio pareceu prejudicial, mas decorrido algum tempo, notou-se o ganho social para o nordeste.

A própria natureza incumbiu na dizimação de muitas espécimes, de pele fina e pêlos muito compridos. Ficavam literalmente presos, perdidos a ermo, pelos espinhos da infernal macambira e outras hostilidades do meio, dizimando-os, pois já apresentavam sinais claros da degenerescência. Também acossado pelas polícias pernambucana e sergipana, Lampião escolheu exatamente a proteção da natureza nas cercanias de Canudos e Uauá para si e sua gente. Os funcionários amedrontados, abandonaram a estação, culminando para o fechamento definitivo.

Este tesouro genético ainda não foi extinto, por teimosia, por isolamento geográfico ou por intuição nos acúmulos dos conhecimentos e saberes onde vivem. Aqui e acolá existem criadores, a exemplo

do Sr. Joãozito - Geremoabo-Ba., que manejam a caatinga com sabedoria e possuem ainda os remanescentes daqueles animais, hoje considerados nativos, vivendo em perfeita harmonia com a caatinga em estado natural, como nos conta a escrita do criador Moisés Varjão-Canudos- Ba.

“ No período das chuvas torrenciais o gado, (nome genérico de todo quadrúpede mais especificamente) bovinos e ovinos se alimentam preferencialmente de calumbi, marmeleiro, quebra-facão, umburana, moleque-duro, ervanço, mororó, carqueijo, umbuzeiro no caso deste o que se destaca é o fruto, chega a ser a fruta sagrada do sertão.

Outros arbustos que servem como alimento:...jurema, alecrim, gitirana, baldruga, caatinga de cheiro, malvas, capim de monte, malvarisco, catingueira, “os primeiros brotos”, pau de serragem, espinheiro, cascudinho, as flores” maniçoba; outro alimento importantíssimo na época do verde, são os cachos de flores das bromélias macambira, garavatá e caroiá.

Para os longos estágios de seca as condições de alimentação são mínimas, dispondo os animais basicamente de folhas secas, é o caso das folhas de umbuzeiro, pereiró, aroeira, juazeiro, garajau, favela, cansação, baraiina, ainda para esses tempos secos, floram os icós e caraiabas, angicos e dessas flores os animais comem bem. Os caprinos furam com os chifres coroas de frade e xixexique mantendo-se gordos por todo verão. Mas de todos estes nomes citados a fonte de alimento mais preciso para o bode é indubitavelmente o cunã...”

Como marco de resistência e aqui representando simbolicamente todos os sertanejos do semi-árido, calejados na peleja de muitas décadas, enfrentando cara a cara, com muita coragem e determinação, desde as secas de costume até as perigosas, citamos o criador nonagenário, o senhor Esmeraldo Cedraz, conhecido como “Meninito” como exemplo de bom senso e sabedoria no manejo, ecologicamente correto de suas caatingas, nas cercanias de Ipirá e na fazenda “Trancada” em Conceição do Coité-Ba., conservando a metade em estado natural, prevenindo os “recursos” para apascentar os seus animais nos estági-

os mais difíceis. Prática, quem sabe, herdada de seus antepassados ou na observação do movimento da natureza.

Este ano, 1997, estamos saindo dos últimos estertores de uma já considerada, a pior e jamais vista seca deste século, [1991-1997] com dizimação de 40% de todo o rebanho nordestino. Desta vez, seus tentáculos alcançaram regiões úmidas, como o extremo sul baiano e parte do Espírito Santo.

O nordeste, sempre fica no “olho” desta calamidade. Milhões de animais morreram, milhões de hectares com pastagens artificiais sucumbiram ao primeiro e grande teste para as gramíneas introduzidas, e que ocuparam grandes extensões de caatingas, e no lugar agora, abundam os mata-pastos, o açoita-cavalo, os espinhos e outras ervas daninhas. Em muitas áreas, ocorreu o desnudamento, princípio da perda de memória do solo, começando assim, a desertificação.

Sabemos que o quadro apresentado pelo semi-árido brasileiro é de imensa complexidade. Muitos afirmam que, com interferências políticas maciças, priorizadas, com investimentos abrangentes, setorializados e outros provimentos sociais, amenizaria a situação. Outros indicam como causa a concentração excessiva de renda, o mando da política pelas elites, a falta de vontade governamental para fazer a reforma agrária. Defendem a redistribuição da terra. Dever-se-ia distribuir melhor a renda, promovendo a sustentabilidade familiar, através de práticas comunitárias. E ainda propostas mais recentes, como a auto-sustentabilidade regional e tantas outras fórmulas para a amenização ou a erradicação da pobreza, demonstrada nos indicadores socio-econômicos do Nordeste.

COMPORTAMENTO DA NATUREZA EM RELAÇÃO À SECA

Afora algumas mudanças localizadas, o sertão de um modo geral continua quase o mesmo de 500 anos atrás, à mercê das intempéries do tempo e das providências para o enfrentamento dos inúmeros problemas que afligem a alma e o corpo de seu moradores.

O semi-árido carece de instrumentos necessários para uma mudança permanente da educação, da infra-estrutura, das tecnologias, enfim, de todas as condições que permitem ao homem, de cabeça erguida, enfrentar todos os seus problemas, inclusive os climáticos de igual para igual. Enquanto o homem não alcançar os conhecimentos necessários à administração de suas vidas e não promover as articulações de sua região com as demais, alcançando o mercado exterior, participando ativamente dos mercados, caminhando para livrar-se da dependência vil e da miséria, não pode e nem deve abrir mão de seu mais precioso patrimônio: a sua caatinga em estado natural, devidamente manejada, respeitando religiosamente a capacidade de lotação e os seus animais domésticos adaptados, que necessitam de preservação, evitando a extinção completa. Devem-se preservar todos os tipos de “pê-duro”. As suas cabras, que mesmo pequenas lhes garante a sustentação nos períodos difíceis, continuam produtivas, dando-lhe algum leite. Não pode abrir mão de suas ovelhas “pêlo-de-boi”, variedades, Morada Nova e Santa Inês que, para verem-se livres do calor excessivo, perderam toda a sua lã; nem do jumento nordestino, fazendo o seu trabalho, transportando a água com léguas e léguas distantes, muitas vezes, sem o direito de beber uma gota de água durante o dia, exceto a noite, quando aproveita a água usada por todos; do cavalo nordestino, que ligeiro alcança a rês desgarrada e veloz, antes que avance e transponha as tranqueiras espinhentas; dos bois e da vaquinha, “pê-dura” curraleirinha, mugindo à beira do cercado, esperando a hora de soltar o leite matinal; da sua galinha pedrês, d’angola ou de pescoço pelado, de variadas cores, que engolem pedriscos, sementes de toda natureza, cata os insetos e pragas e vigilantes no terreiro, espiando,

anunciam a presença das serpentes peçonhentas ou emite sinais de perigo do vôo rasante das aves de rapina; de seus porcos (piauí) e (baé) que vivem de comer umbu, coquilhos diversos, e a pastar e que andam enormidades na busca dos tubérculos nativos, fazendo a reciclagem orgânica possível; ainda do seu cachorro de estima e de trabalho, o vira-lata, ajudante inseparável na lida do gado e da casa, acuando, de vez em quando, alguma caça para a sobrevivência.

Afora a honradez do sertanejo, eis o verdadeiro e providencial patrimônio, que alguns homens do semi-árido, ainda possuem. Por isso, qualquer intervenção que se faça nesse meio, deve-se levar em conta os elementos aqui comentados. É preciso transformar o semi-árido dotando-o de maior capacidade para produzir riquezas objetivando promover a justiça social. Mas o futuro jamais poderá vir, enquanto no presente se fizer intervenções que não considerem o ambiente natural da fauna e da flora dessa imensa região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ARAÚJO, Anacreonte Ávila de. *Melhoramentos das Pastagens*, 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 1976.
2. BAKER, Jeffrey John Wheler. *Estudo da biologia*. São Paulo: 1975. 2 vol.
3. BECK, Sérgio Lima. *Equinos: raças, manejo, equitação*. São Paulo: edição dos criadores, 1985.
4. CAPRISTANO, J. de Abreu. *Capítulos de história colonial 1500 - 1800*, 4. ed. Sociedade Capistrano de Abreu - Livraria BRIGUIET, 1954.
5. QUALIDADE, ambiental no semi-árido da Bahia. *Cadernos Car*, Salvador: n.17 p.23, 1995 (série especial).
6. DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Hemus, 1981.

7. DOMINGUES, Octavio. O zebu, sua reprodução e multiplicação dirigida, 5ª Ed. São Paulo: Nobel, 1977.
8. GOMES, Raimundo Pimentel. *Forragens fartas na seca*, 2ª Ed. São Paulo: Nobel, 1973
9. GUIMARÃES Filho, C., SOARES, J.G.G. ALBUQUERQUE, S.G. *Desempenho de caprinos nativos criados extensivamente em área de caatinga não cercada*. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA.1982. Boletim de pesquisa,17).
10. GUIMARÃES FILHO, C., SOARES, J. G. G. ALBUQUERQUE, S. G. *Eficiência reprodutiva de caprinos no Nordeste Semi-Árido: Limitações e Possibilidades*. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA.1983. Boletim de Pesquisa,20).
11. PINHEIRO Júnior, Guilherme Corlett. *Caprinos no Brasil* atualizada, Belo Horizonte: Itatiaia 1973.
12. WEINER, Jonathan . *O Bico do Tentilhão - Uma história da Evolução no nosso tempo*. Rio de Janeiro: Rocco-1995 (Tradução de Talita M. Rodrigues).
13. RIBEIRO, Felon Dea. *50 textos de história do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
14. SANTIAGO, Alberto Alves. *Pecuária de corte no Brasil Central*. São Paulo: Coordenadoria da Pesquisa Agropecuária. Secretaria da Agricultura, 1970

MARCAS



FORTES

Assessoria Gráfica

Rua José Lima, 24 - Pituacu
Salvador - Bahia
Tel.: (071) 231-0565 / 230-1853